

'Le Monde' questiona retomada do crescimento econômico

O crescimento econômico do Brasil em 2019 comemorado com alegria pelo presidente Jair Bolsonaro no Twitter, no dia 3 de dezembro, ao afirmar que “estamos no caminho certo” quando anunciou um aumento de 0,6% no PIB no terceiro trimestre, o mais forte registrado em um ano e meio, 0,2 ponto percentual acima do previsto pelos analistas, foi questionado pelo jornal francês *Le Monde* na sua edição desta segunda-feira.

Segundo o jornal, para o economista Eduardo Fagnani, da Unicamp, “esse crescimento é uma ilusão total”, acrescentando que “a verdade é que ainda estamos em uma economia em crise”.

Numa página inteira so-

bre os primeiros indicadores verdes da economia brasileira e lança a questão sobre se o Brasil estaria, finalmente, começando a se recuperar da crise na qual está mergulhado pelo menos desde 2015. O tema divide economistas.

O jornal cita os indicadores econômicos que estão em alta em 2020: o crescimento esperado em 2,2% neste ano, após 1,2% em 2019; inflação contida (3,5% para este ano); queda do desemprego (em 11,8%, um ponto a menos de 12 meses atrás) e o período de euforia da Bolsa de Valores de São Paulo, com um índice da Bovespa que ultrapassou a marca de 100.000 pontos pela primeira vez em sua história, terminando

2019 com uma alta espetacular de 35% em um ano.

Diante disso, *Le Monde* pergunta: “As ‘Bolsonomics’ - o nome dado às medidas econômicas adotadas pelo executivo - são eficazes?”. A questão divide economistas, acrescenta o correspondente do *Le Monde* no Rio de Janeiro, Bruno Meyerfeld, que assina o texto.

“Eu me oponho totalmente a esse governo no meio ambiente, na diplomacia, no tratamento das minorias... Mas, na economia, tenho que admitir que a linha é boa”, observa Renato Fraggelli Cardoso, economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV), citando, em particular, o mérito de duas medi-

das: a drástica redução dos gastos públicos (com um déficit reduzido pela metade em relação às previsões) e, sobretudo, a grande reforma previdenciária, adotada no final de outubro de 2019.

Em entrevista à RBA, o economista Marco Antonio Rocha, do Instituto de Economia da Unicamp, também chama a atenção para o fato de a taxa de câmbio, mesmo com tendência à desvalorização do real, não ter fornecido qualquer alento para a produção industrial. “Portanto, os dados preocupam, em primeiro lugar, porque sugerem certa incapacidade de reação da indústria nacional a uma mudança positiva nos preços relativos”, pontuou.